

Experiência pedagógica educomunicativa: o cinema nas Licenciaturas

Maria do Carmo Souza de Almeida

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora efetiva da Universidade de Taubaté. Atua na graduação e no Mestrado em Linguística Aplicada.

E-mail: alm.maria@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é relatar uma experiência pedagógica com narrativas fílmicas em duas Licenciaturas da Universidade de Taubaté. A prática ocorreu no horário destinado às Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC). Foram exibidos principalmente filmes que fogem aos padrões tradicionais conhecidos pelos sujeitos participantes da pesquisa. Depois das exposições, acontecia uma discussão entre professora-pesquisadora e alunos sobre aspectos considerados significativos por eles. Por meio de relatos escritos e de gravações, procurou-se identificar como os estudantes atribuíam sentidos aos filmes vistos. Observou-se que uma prática educacional com narrativas fílmicas na formação docente das Licenciaturas em questão pode contribuir para ampliar o capital cultural dos discentes, logo, para sua construção identitária pessoal e profissional.

Palavras-chave: comunicação; educação; prática educacional; cinema; formação de professores.

Abstract: The aim of this paper is to describe an educational experience with film narratives in two Graduations at University of Taubaté. The practice took place at Academic and Scientific-Cultural Activities. We exhibited films that were not the traditional standards of what the research subjects known. After the exhibitions, a debate took place between the teacher researcher and the students about aspects considered significant by them. Through written reports and audio records, we tried to identify how students attributed meanings to the movies they watched. It was observed that an educational practice with filmic narratives in teacher education at Graduation can contribute to expand the cultural knowledge of the students, and then, for the construction of their personal and professional identity.

Keywords: communication; education; educational practices; cinema; teacher education.

1. INTRODUÇÃO

A experiência pedagógica educacional que aqui relataremos foi realizada com alunos de Licenciatura de uma universidade do interior paulista durante a construção de nossa pesquisa de doutorado que deu origem à tese intitulada “Prática educacional com o cinema nas Licenciaturas”, sob

orientação do Prof. Dr. Adilson Citelli, defendida em 2014 no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

O forte vínculo entre os jovens e as tecnologias repercute no processo educativo em todos os níveis, por isso consideramos importante que cursos de formação para a docência sistematizem discussões sobre a centralidade dos meios de comunicação e de informação na configuração do modo de vida atual. Para isso, realizamos, em duas Licenciaturas, Letras e Pedagogia, da Universidade de Taubaté, uma prática educomunicativa com narrativas fílmicas. Investigamos como os alunos assistem a filmes de cinematografias com as quais não têm muita proximidade e observamos o que veem e como o fazem, isto é, como ressignificam, em seus discursos, os muitos códigos que abarcam a linguagem audiovisual e sobre os quais, ainda hoje, não tiveram muita oportunidade de refletir na educação formal. Segundo Citelli, apesar de a comunicação ter se transformado “[...] em dimensão estratégica para o entendimento da produção, circulação e recepção dos bens simbólicos, dos conjuntos representativos e dos impactos materiais”¹ e, em decorrência desse conjunto de sistemas e processos, profundas transformações sociais estarem cingindo a vida das pessoas na atualidade, ela ainda está afastada dos cursos de Licenciatura.

Acreditamos que a criação de um espaço para a exibição e discussão de narrativas audiovisuais nas Licenciaturas contribui para a formação identitária pessoal e profissional do futuro professor e para a mudança de posicionamento dele em relação ao processo de ensino/aprendizagem de modo que passe a considerar também essencial a aprendizagem do sensível não só pela linguagem verbal, mas também pelas demais linguagens midiáticas. As questões que nos inspiraram foram as seguintes: *Caberia pensar um trabalho com o cinema na graduação, no século XXI, quando o foco das pesquisas está voltado para as mídias digitais? Como os alunos participantes da pesquisa assistem a filmes de cinematografias com as quais têm pouco contato? É possível estimular o gosto deles por essas cinematografias? Que habilidades e competências² é preciso desenvolver junto ao público-alvo pesquisado, para promoção de exercício reflexivo de leitura audiovisual no espaço educativo?*³ Tivemos a intenção pensar uma pedagogia das imagens — “educação do olhar” ou “modos de ver”⁴ — na Licenciatura não como pretexto para atualização de práticas condizentes com a sociedade atual ou para chamar atenção do aluno, mas como meio de estar no mundo e pensar sobre ele. Visto que nos situamos na interface dos campos da Comunicação e da Educação, utilizamos vasto apoio teórico multidisciplinar para a realização da pesquisa.

2. A ORGANIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A proposta de atividades de exibição dos filmes com alunos dos cursos de Pedagogia e Letras aconteceu em duas etapas durante as horas de atividades complementares, denominadas Atividades Acadêmico-Científico-Culturais

1 CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson. O.; COSTA, Maria Cristina. C. (orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011a, p. 62.

2 No sentido atribuído por: CRUZ, Carlos Henrique. C. *Competências e habilidades: da proposta à prática*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 28.

3 ALMEIDA, Maria do Carmo S. *Prática educacional como o cinema nas Licenciaturas*. 189 p. Tese de Doutorado. ECA-USP, 2014, p. 19.

4 DUSSEL, Inés. La imagen en la formación docente: ¿Por qué y para qué trabajar con imágenes? In: DUSSEL, Inés; ABRAMOWSKI, Ana; IGARZÁBAL, Belén; LAGUZZI, Guillermina. *Aportes de La Imagen en La Formación Docente: Abordajes conceptuales y pedagógicos*. Argentina: Instituto Nacional de Formación Docente. Proyecto Red de Centros de Actualización e Innovación Educativa (C.A.I.E), 2010, pp. 3-16. Disponível em: <<http://repositorio.educacion.gov.ar/dspace/handle/123456789/89762>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

(AACC), em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais. Os dados da primeira parte foram oriundos, principalmente, de diários de reflexão (embora também tenha havido debates) feitos pelos alunos na semana seguinte à exibição do filme. Usamos o conceito de diário como instrumento para investigação da mudança e da construção dos indivíduos em formação profissional, ou seja, como uma “ferramenta metacognitiva para reflexão”⁵. Já na segunda etapa, após a exibição, havia uma conversa entre professora-pesquisadora e alunos. Esses diálogos foram gravados. Os dados desse segundo momento decorreram das gravações.

3. AS RECORRÊNCIAS DOS DIÁRIOS E DOS DEBATES

Durante as duas etapas, foram exibidos quinze filmes de diferentes cinematografias. Após as análises dos diários e das gravações das conversas, pudemos identificar várias recorrências, dentre as quais destacamos as seguintes:

a) O desconhecimento de características da linguagem audiovisual. Durante as exibições, discutimos alguns aspectos da linguagem audiovisual. Procuramos abordar conceitos que pudessem estimulá-los a perceber os recursos expressivos da linguagem fílmica. Assim o fizemos por entender que o professor que quiser trabalhar com o cinema na sala de aula, embora não precise ser crítico profissional, fará um trabalho melhor se tiver algum domínio da linguagem cinematográfica. Conforme aponta Napolitano, “existem elementos sutis e subliminares que transmitem ideologias e valores tanto quanto a trama e os diálogos explícitos”⁶. Nos diários, notamos que houve unanimidade em pontuar um suposto desconhecimento de características dos códigos que constituem a “linguagem fílmica” ou “linguagem cinematográfica”, conforme revelam os seguintes comentários dos sujeitos participantes: *“Muito interessante, pois desperta nossa atenção para aspectos que normalmente não nos preocupamos em reparar, passa despercebido. Como espectadores, ao assistir filme, novela ou mesmo um programa de televisão, só interessa a história que está sendo contada. Aspectos como ângulo da câmera, fotografia, estrutura da história não nos chama a atenção. Na verdade, eu nem sabia exatamente o que era fotografia num filme [...]”* e *“Ficamos tão focados nos personagens, na história e nas paisagens, por exemplo, que não nos damos conta o quanto foi trabalhoso fazer aquela cena, o quanto os movimentos e posições das câmeras contribuem para expressar as ‘emoções’ de cada cena”*. Sobre isso, Franco pontua que a linguagem audiovisual é aprendida “sem a mediação do racional” justamente porque “foi construída para nos embriagar de emoção”⁷; logo, “passa despercebido” no dizer do aluno. Ou seja, somos conhecedores dessa linguagem ainda que não tenhamos ciência do fato. Tendo em vista o perfil cultural dos sujeitos que participaram da pesquisa, julgamos pertinente considerar a necessidade de ampliar seu universo linguístico, uma vez que entendemos que esse é o primeiro passo para a formação de novos conceitos.

O exemplo seguinte, além de confirmar o desconhecimento dos alunos em relação à linguagem audiovisual, demonstra também a percepção do benefício

5 Como denominado por: TÁPIAS-OLIVEIRA, Eveline M. *Construção identitária profissional no Ensino Superior: prática diarista e formação do professor*. Tese de Doutorado. Unicamp, 2006.

6 NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

7 FRANCO, Marília. *Prazer audiovisual*. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, jan./abr., 1995, p. 52.

da discussão: [...] “*achava que somente a atuação dos autores era importante para nos causar certos impactos, reações, emoções, agora compreendi que a maneira como as cenas são dirigidas e o foco na câmera é essencial para perfeição de um bom trabalho e do que se pretende causar nos telespectadores*”. Isso pode indicar mudança de postura em relação ao comportamento diante do audiovisual. Importa destacar que não supomos ter havido aprendizagem efetiva de aspectos da linguagem cinematográfica a partir da exibição de alguns filmes e discussões. Entretanto, acreditamos que a orientação da atenção, no sentido que lhe atribui Vygotsky⁸, para elementos da linguagem audiovisual — que talvez eles já soubessem, porém, sem ciência disso — constitui um ponto de reflexão positivo aos nossos propósitos de pensar estratégias para um trabalho com o audiovisual nas Licenciaturas.

b) A crença de que discutir aspectos relacionados à linguagem audiovisual não teria interesse para os estudantes de Pedagogia. Esse ponto, vinculado ao anterior, fica evidente em comentários como este: “*Apesar de ser um assunto fora da nossa área, sendo assim desconhecido, achei muito interessante conhecer um pouco sobre certas formas ‘intencionais’ de gravações, foco das câmeras e as maneiras de destacar o que deseja [...]*”. Orozco Gómez⁹, acerca da visão que o espaço educativo ainda tem em relação às linguagens não escolares, menciona que o audiovisual está associado ao divertimento e à crença de que, na escola, não há espaço para o lúdico. Desse modo, ao usar a estrutura concessiva — “*apesar de ser um assunto fora da nossa área*” —, o aluno fornece legitimidade a uma opinião que, embora contrária à orientação argumentativa do seu enunciado¹⁰, merece ser considerada. Ou seja, existe uma “voz” subjacente que afirma: “*Esse é um assunto fora da nossa área*”; todavia o estudante opõe-se a essa voz quando finaliza dizendo “*achei muito interessante conhecer um pouco sobre certas formas ‘intencionais’ de gravações, foco das câmeras e as maneiras de destacar o que deseja [...]*”. Cumpre lembrar que a essa crença vincula-se outra, de que só aprendemos por meio do pensamento lógico-racional, portanto, não se poderia aprender por meio da ficção, ou do divertimento, por exemplo.

c) A surpresa com o cinema nacional, a falta de familiaridade com o gênero documentário e os indícios de percepção sobre alteridade a partir dos filmes. Juntamos essas três recorrências porque, nos comentários dos sujeitos participantes da pesquisa, o fato de os estudantes ressaltarem que se surpreenderam com o cinema nacional e com o gênero documentário são dois pontos que estão diretamente vinculados à questão da alteridade. Por exemplo, sobre o filme *5x Favela – Agora por nós mesmos*¹¹, os relatos apontavam o fato de o filme ter trazido uma visão diferenciada do imaginário do que seja uma favela. Um dos alunos menciona que a palavra comunidade traz à imaginação “*um local de difícil convívio, com violência e maus exemplos*”, porém, afirma que “*o filme mostrou a real rotina de uma comunidade com indivíduos que trabalham honestamente, estudam para poder dar uma melhor qualidade de vida para sua família e se divertem*”.

Esse depoimento confirma o que Rorty¹² e Morin¹³ defendem acerca de um modo de educar que contribua para as gerações atuais perceberem o “outro” como seres humanos que são. Entendemos, portanto, que a linguagem audiovisual, ou o cinema, assim como a literatura, configura-se como possível

8 VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 180.

9 OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, CCA-ECA-USP: Moderna, n. 10, set./dez. 1997, pp. 57-68.

10 KOCH, Ingedore. *A interação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

11 *5X FAVELA – AGORA POR NÓS MESMOS*. Gênero: Drama. Direção: Cacau Amaral, Cadu Barcelos, Luciana Bezerra, Luciano Vidigal, Manaira Carneiro, Rodrigo Felha, Wagner Novais. Produção: Brasil, 2010.

12 RORTY, R. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

13 MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.

alternativa para pensarmos a alteridade e também as questões éticas e estéticas, conforme defende Costa, ao afirmar que “a arte também é uma ferramenta à sensível apreensão da realidade, tão importante quanto a filosofia e a ciência”¹⁴.

Sobre *Narradores de Javé*¹⁵, um dos sujeitos menciona que “Com esse filme brasileiro, consegui tirar um pouco a má impressão que eu tinha dos filmes produzidos aqui no Brasil”. Já sobre *Lixo extraordinário*¹⁶, outro afirma que “Foi a primeira vez que eu assisti um documentário, não assisti antes porque não me interessava, tinha uma ideia totalmente diferente do que é um documentário”. Se considerarmos a questão da distribuição e exibição de filmes no Brasil¹⁷, não é surpreendente a falta de proximidade dos sujeitos da pesquisa tanto com o cinema nacional quanto com o gênero documentário. Aliás, conforme mencionamos, escolhemos exibir filmes que, em geral, passam (quando acontece) com menor frequência nos cinemas da região e também aqueles cujas cinematografias não fazem parte de gêneros conhecidos pelos alunos. Assim, optamos por filmes que tivessem linguagem e tratamento diferenciados, conforme sugere Napolitano¹⁸, sem oferecer muita dificuldade de assimilação. Observando também o perfil do estudante de Pedagogia apresentado por Gatti e Barreto¹⁹, é possível inferir que o desconhecimento não é só decorrente da falta de acesso. Há outros fatores implicados.

d) A crença de que o filme retrata a realidade. Grande parte dos relatos evidencia que os participantes gostaram de *Lixo extraordinário* (documentário) e de *5x Favela* (ficção), ou os perceberam como interessante, porque “reproduzem a realidade”: “O filme esclarece, com maestria, a realidade cotidiana de pessoas comuns, lutadoras, alegres e vencedores que vivem nas favelas”. Foi possível notar, portanto, que os alunos são reféns do que Napolitano²⁰ denomina de armadilha “da ilusão de objetividade”, mais comum quando se trata de um documento audiovisual. Por isso a importância de discutirmos com criticidade as imagens que nos cercam e com a qual nos acostumamos, pois, se não as olharmos com atenção, passamos a acreditar que aquilo que vemos é mesmo daquela forma; ou seja, ficamos presos aos “efeitos de real”²¹ que as imagens provocam.

e) Os comentários praticamente só se referiam ao conteúdo das narrativas, à história ou à fábula, e não à trama, ao modo como a narrativa é organizada²². Além disso, filmes cuja trama fuja à construção clássica acabam por ser percebidos como de difícil apreensão pelo público-alvo pesquisado, o que pode levar à repulsa pela narrativa, conforme confirmam alguns comentários. Por isso a necessidade desse convívio com diferentes modos de narrar do cinema, para a formação do leitor multissemiótico, ou seja, aquele que entende o que lê e que é capaz de ressignificar essa leitura, mimeticamente, em outras composições. Uma apreciação mais acurada de qualquer forma de arte passa pelo conhecimento da linguagem que a constitui. Isso significa que entender nuances do discurso narrativo e aspectos técnico-estéticos da linguagem cinematográfica pode contribuir para uma fruição mais completa de um filme e tornar esse ato uma experiência cultural mais rica. Entendemos, portanto, que o trabalho escolar com filmes pode e deve considerar os diferentes ângulos de abordagem, conforme observa Napolitano²³.

14 COSTA, Maria Cristina C. Estética da Comunicação. In: BACCEGA, Maria Aparecida; COSTA, Maria Cristina C. (orgs.). *Gestão da Comunicação: epistemologia e pesquisa teórica*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 101.

15 **NARRADORES DE JAVÉ**. Gênero: comédia. Direção: Eliane Caffé. Produção: Brasil, 2003.

16 **WASTE LAND/LIXO EXTRAORDINÁRIO**. Gênero: documentário. Direção: Lucy Walker. Codireção: Karen Harley e João Jardim. Produção: Inglaterra/Brasil, 2010.

17 Discutimos esse aspecto em: ALMEIDA, Maria do Carmo S., op. cit.

18 NAPOLITANO, 2005, op. cit.

19 GATTI, Bernadete (coord.); BARRETO, Elba S. de S. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: Unesco, 2009.

20 NAPOLITANO, 2005, op. cit.

21 SALIBA, Elias. T. As imagens canônicas e a História. In: CAPELATO, Maria Helena et. Al. *História e cinema: dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo: Alameda, 2007, p. 90.

22 Essa diferença está muito bem explicada em: XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELLEGRINI, Tânia et al. *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Senac, 2003, p. 65.

23 NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010. pp. 235-289.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentes pesquisas²⁴ apontam que apesar de os jovens professores possuírem “vínculos naturalizados” com as diversas tecnologias, os cursos de formação ainda não os têm preparado adequadamente para entender os processos comunicacionais vigentes, isto é, as pesquisas demonstram que a discussão sobre isso precisa ser intensificada. Os relatos de nossos sujeitos de pesquisa confirmam essa assertiva, uma vez que, por meio deles, podemos notar, explicitamente ou nas entrelinhas, que não é só a linguagem audiovisual ou determinados gêneros fílmicos ou cinematografias que se configuram, a despeito da “naturalização”, como novidade para eles, mas também o processo que envolve o fenômeno comunicacional e suas relações com a sociedade atual. Portanto, reiteramos a necessidade de as Licenciaturas repensarem seus currículos e inserir, de forma contundente, estudos sistemáticos sobre as multiplicidades de reconfigurações da cultura contemporânea, o que inclui estudar a cultura da mídia e as implicações dessa pluralidade que altera as relações dos indivíduos com eles próprios, com o demais e com as tecnologias (analógicas e digitais). O cinema pode fazer essa ponte. Na era das mídias digitais, os filmes são essenciais (tanto quanto ainda o são as mídias impressas sempre presente nos materiais didáticos), para pensar essas mesmas mídias.

Assim, entendemos que o encontro com o cinema no espaço educativo formal é e continuará sendo cada dia mais importante. Para isso, o professor precisa estar preparado, pois, na atualidade, conforme pontuam Bergala²⁵ e Duarte e Alegria²⁶, se o encontro da criança com diferentes narrativas fílmicas não ocorrer na escola, pode não acontecer em nenhum outro lugar. Nos relatos dos sujeitos pesquisados, é possível notar que a assertiva desses autores se confirma, uma vez que os sujeitos já são jovens universitários e tiveram ao longo da vida pouco contato com filmes (no cinema e em casa) que não sejam de proveniência norte-americana. Aliás, vimos que esse contato, quando ocorreu, deu-se justamente no espaço educativo formal.

Percebemos também que os alunos enfrentam dificuldades de compreender narrativas que fujam às cinematografias dominantes com as quais estão mais acostumados, sobretudo as de origem norte-americana, pelas quais têm preferência. Gostam também das narrativas clássicas com final feliz. A maior parte dos relatos, orais ou escritos, revela também desconhecimento de aspectos da linguagem audiovisual. Ainda que aprendamos essa linguagem como espectadores que somos desde a infância, como assinala Franco²⁷, entendemos que uma prática com o cinema nas Licenciaturas precisa incluir discussões sobre a linguagem e os gêneros fílmicos para que os discentes possam ampliar as percepções estéticas e a cultura cinematográfica, o que possibilita ter uma fruição mais apurada do filme. Outro ponto que observamos nas falas dos sujeitos participantes, também destacado por Fischer²⁸ em pesquisa, é a crença no filme como retrato da realidade, que decorre do “efeito de realidade que o registro técnico de imagens e sons denota para o espectador ou ouvinte”²⁹

24 Citaremos aqui duas: CITELLI, Adilson. *Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens docentes*. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo: Paulinas, ano XV, n. 1, jan./abr. 2010, pp.15-26, e Idem. *Educomunicação: um registro de pesquisa*. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 12, n. 2, jul./dez. 2011b, pp. 8-17.

25 BERGALA, Alain. *A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Trad. Mônica Costa Netto; Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEADLISE-FE/Uerj, 2008.

26 DUARTE, Rosalia; ALEGRIA, João. *Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação*. *Revista Educação & Realidade*, n. 33, v. 1, jan./jun. 2008, pp. 59-80.

27 FRANCO, op. cit.

28 FISCHER, Rosa Maria. *Cinema e Pedagogia: uma experiência de formação ético-estética*. *Revista Percursos*, Florianópolis, v. 12, n. 01, jan. /jun. 2011, pp. 139-152.

29 NAPOLITANO, 2010, op. cit., p. 236.

Por isso, após as exibições, é fundamental que haja discussões sobre como o cinema representa os diferentes contextos sociais. Em diferentes encontros, observamos que determinados aspectos do filme só eram percebidos pelos alunos na discussão, após as exibições, quando acontecia uma espécie de construção conjunta da história.

Em relação à possibilidade de incentivar o gosto por filmes que fogem àqueles com os quais os estudantes têm afinidade, ao contrário do que defende Bergala³⁰, acreditamos que é possível estimular esse gosto na idade adulta. Nos relatos, os sujeitos de pesquisa, em sua maioria, confirmaram que gostaram dos filmes e que estes eram novidade para eles. Pudemos perceber isso em suas atitudes durante as exibições e os debates. Duarte et al³¹ e Fischer³² apontam em suas pesquisas com cinéfilos e alunos, também do curso de Pedagogia, que o despertar do gosto por cinematografias diferentes daquelas com as quais jovens adultos já estejam acostumados, em geral filmes da indústria hollywoodiana, aconteceu sempre com a presença de um adulto orientando as descobertas, dando sugestões, vendo junto, discutindo. Isso aponta, segundo as autoras, para uma possibilidade de “ensinar a ver”, no sentido de orientação, indicando caminho à diversidade e ao conhecimento de qualquer forma de arte³³. Todavia, para o incentivo acontecer, o professor deve comportar-se como um “designador”, ou seja, aquele que possibilitará o encontro dos alunos com os filmes, segundo Bergala³⁴. Essa seria a tarefa do educador e da escola. Ele ressalta que não é ensino, é iniciação. Em seu projeto, o autor se refere a crianças, nós defendemos que o mesmo pode ser feito com adultos. Em nosso contexto de pesquisa, observamos que os discentes desconheciam a maioria dos filmes que levamos para as atividades de pesquisa.

Sabemos que não há um modo único de pensar o cinema na formação docente, existem possibilidades que podem se concretizar em virtude do público-alvo com o qual se vai trabalhar. É preciso conhecer os alunos, identificar o nível de letramento deles e seus conhecimentos prévios em relação à cultura cinematográfica. Para o nosso público, percebemos que a iniciação deve acontecer por narrativas mais próximas do que eles apreciam.

A partir da experiência desenvolvida com os participantes, julgamos que os licenciandos tenham percebido a importância das relações interpessoais para os processos de aprendizagem e para as modificações intrapessoais. A atividade da qual tomaram parte teve como prioridade ouvi-los em seus posicionamentos e em suas indagações. Tentamos desestabilizar o processo usual de o professor falar e o aluno só ouvir. Queríamos que vivenciassem a experiência de que o cinema, em qualquer nível da educação formal, pode ser apreciado sem medo, por professores e alunos. Isso porque a experiência de cada um com o filme é diferente, e permite ser enriquecida pela experiência dos demais, se houver espaço para as discussões.

Desse modo, acreditamos que a prática por nós proposta possibilitou ampliar a cultura cinematográfica de estudantes que têm pouco contato com filmes que fogem aos padrões tradicionais da indústria cinematográfica.

30 BERGALA, op. cit.

31 DUARTE, Rosalia et al. Produção de sentido e construção de valores na experiência com o cinema. In: SETTON, Maria da Graça J. (org.). *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume/USP, 2004, pp. 37-52.

32 FISCHER, op. cit.

33 DUARTE et al, 2004, op. cit., p. 46.

34 BERGALA, op. cit.

Os filmes colaboram para o acesso a diferentes formas de apreensão do mundo local e global, portanto, contribuem para a construção identitária pessoal e profissional dos estudantes de qualquer nível. Além disso, embora estejamos todos imersos em uma cultura cujos discursos audiovisuais são cada vez mais contundentes, a experiência vivenciada pelos alunos no espaço educativo pôde levá-los a perceber que a mediação do professor ainda é essencial para propiciar formas diferenciadas de refletir sobre o funcionamento dos discursos visuais.

REFERÊNCIAS

5X FAVELA – AGORA POR NÓS MESMOS. Gênero: Drama. Direção: Cacau Amaral, Cadu Barcelos, Luciana Bezerra, Luciano Vidigal, Manaira Carneiro, Rodrigo Felha, Wagner Novais. Produção: Brasil, 2010.

ALMEIDA, Maria do Carmo S. **Prática educ comunicativa como o cinema nas Licenciaturas.** 189 p. Tese de Doutorado. ECA-USP, 2014.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola.** Trad. Mônica Costa Netto; Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEADLISE-FE/Uerj, 2008.

CITELLI, Adilson. Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens docentes. In: **Comunicação & Educação: Revista do curso Gestão da Comunicação.** São Paulo: CCA-ECA-USP: Paulinas, ano XV, n. 1, jan./abr. 2010, pp. 15-26.

_____. Comunicação e Educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina C. (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011a, pp. 59-76.

_____. **Educomunicação: um registro de pesquisa.** Revista Linhas. Florianópolis, v. 12, n. 02, pp. 8-17, jul./dez. 2011b.

COSTA, Maria Cristina C. Estética da Comunicação. In: BACCEGA, Maria Aparecida; COSTA, Maria Cristina C. (orgs.). **Gestão da Comunicação: epistemologia e pesquisa teórica.** São Paulo: Paulinas, 2009.

CRUZ, Carlos Henrique. C. **Competências e habilidades: da proposta à prática.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

DUARTE, Rosalia et al. Produção de sentido e construção de valores na experiência com o cinema. In: SETTON, Maria da Graça J. (org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação.** São Paulo: Annablume/USP, 2004, pp. 37-52.

DUARTE, Rosalia; ALEGRIA, João. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Revista Educação & Realidade**, n. 33, v. 1, jan./jun. 2008, pp. 59-80.

DUSSEL, Inés. La imagen en la formación docente: ¿Por qué y para qué trabajar com imágenes? In: DUSSEL, Inés; ABRAMOWSKI, Ana; IGARZÁBAL, Belén.; LAGUZZI, Guillermina. **Aportes de La Imagen en La Formación Docente: Abordajes conceptuales y pedagógicos**. Argentina: Instituto Nacional de Formación Docente. Proyecto Red de Centros de Actualización e Innovación Educativa (C.A.I.E), 2010, pp. 3-16. Disponível em: <<http://repositorio.educacion.gov.ar/dspace/handle/123456789/89762>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

FRANCO, Marília. Prazer audiovisual. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, jan./abr., 1995.

FISCHER, Rosa Maria. Cinema e Pedagogia: uma experiência de formação ético-estética. **Revista Percursos**, Florianópolis, v. 12, n. 01, jan./jun. 2011, pp. 139-152.

GATTI, Bernadete (coord.); BARRETTO, Elba S. de S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

KOCH, Ingedore. **A interação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla B. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 235-289.

NARRADORES DE JAVÉ. Gênero: Comédia. Direção: Eliane Caffé. Produção: Brasil, 2003.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, CCA-ECA-USP: Moderna, n. 10, set./dez. 1997, pp. 57-68.

RORTY, R. **Contingência, ironia e solidariedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SALIBA, Elias. T. As imagens canônicas e a História. In: CAPELATO, Maria Helena et al. **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo: Alameda, 2007, pp. 85-96.

TÁPIAS-OLIVEIRA, Eveline M. **Construção identitária profissional no Ensino Superior: prática diarista e formação do professor**. Tese de Doutorado. Unicamp, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WASTE LAND/LIXO EXTRAORDINÁRIO. Gênero: documentário. Direção: Lucy Walker. Codireção: Karen Harley e João Jardim. Produção: Inglaterra/Brasil, 2010.

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELLEGRINI, Tânia et al. **Literatura, Cinema e Televisão.** São Paulo: Senac, 2003, pp. 61-89.